

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director Interino: ENG.º DANIEL ANTÓNIO PRIMO PIRES

Proprietário: MANUEL VIRGINIO PIRES (Herdeiros)

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 22503 — TAVIRA ● Composição e Impressão — Tipografia União — Telefone 22319 — FARO

AVENÇA Preço Avulso 3\$00

Biblioteca Nacional  
Serviço de Depósito Legal  
LISBOA 12

## Acto de Justiça O «Caso» do Monumento a D. Marcelino Franco

Ser-nos-ia impossível fazer mais um número do «Povo Algarvio» sem que nesse trabalho nos acompanhasse a lembrança daquele que na realidade o fundou e o manteve, durante quarenta anos ininterruptos, exclusivamente com o seu esforço pessoal, muitas vezes mesmo com o seu sacrifício, e sempre apenas por amor da sua cidade e da sua província. Porque, embora a morte tenha intempestivamente arrebatado Manuel Virgínio Pires ao nosso convívio há já quase quatro anos, é ainda a sua lembrança, e só ela, que permanentemente nos motiva e nos incita a colaborar, com empenho e responsabilidade, na luta dos seus familiares para que o jornal não suspenda definitivamente a publicação. E também porque outros motivos, sem dúvida muito menos imperiosos do que aquele, e de mera circunstância, a tal nos levariam igualmente; alguns destes segundos motivos que, exactamente, da mesma forma nos levam a traçar estas linhas, que não são ainda as que devemos à memória de Manuel Virgínio Pires, e noutra oportunidade escreveremos, mas procuram apenas ser, para com ela, um pontual acto de justiça.

Na realidade, o que principalmente hoje nos motiva é o esquecimento a que, nos últimos tempos e na sua cidade, tem sido votada a memória de Virgínio Pires, sobretudo ao pretender-se evocar jornalistas que bem serviram Tavira ou ao tentar-se traçar, mesmo que em leves esboços, o historial dos jornais tavrinses. Porque, num caso e noutro, o nome de Virgínio Pires jamais poderá ser esquecido sem ingratidão imperdoável, ignorado sem flagrante injustiça ou omitido sem grave erro historiográfico. E menos ainda poderá ser desligado da existência do «Povo Algarvio», esquecendo-o ou ignorando-o ao falar deste, da sua longevidade e dos seus serviços à cidade.

Com efeito, Tavira possuiu, ao longo dos tempos, numerosos jornais, alguns que foram muito bons e até dos melhores de todo o Algarve. Mas, nenhum atingiu os 43 anos de duração do «Povo Algarvio» (um outro, que mais durou, não foi além dos 18 anos...), poucos terão como ele pugnado pelos interesses cívicos e pelo prestígio da cidade e quem o fundou e manteve durante quarenta anos, lutando contra «mares e marés», foi exclusivamente Virgínio Pires, mesmo quando, no cabeçalho, ele figurava apenas como redactor principal e a responsabilidade máxima era atribuída a outrem. E durante todo esse tempo (só no último ano apareceu um outro), o «Povo Algarvio» foi o único jornal de Tavira. A cidade deve, assim, a Virgínio Pires, pelo menos o grande serviço de, em quase meio século, ter mantido a sua posição na Imprensa Regional e ter disposto de um órgão de combate pelas suas aspirações e interesses.

Podemos dar testemunho pessoal do desinteresse, esforço e sacrifício que Virgínio Pires pôs nesta empresa e do grande amor pela sua terra que o movia, bem como dos serviços prestados a Tavira; podemos fazê-lo porque o acompanhámos nas suas «andanças» jornalísticas desde os bancos escolares até ao fim e com ele colaborámos da primeira à última hora. Mas, muitos outros, sobretudo tavrinses, podem igualmente testemunhá-lo, se quiserem pôr a verdade acima de quaisquer possíveis ressentimentos pessoais ou de quaisquer antagonismos de outra natureza. E acreditamos que, se nem todos os que o podem fazer o fazem é apenas porque os tolhem complexos vários, infelizmente muito generalizados nos tempos que

(Continua na 4.ª página)

### O Corvo

(Ao Saudoso Poeta Algarvio Virgínio Pires, a quem embevecidamente dedico esta confidência poética, como preito da homenagem que sinceramente me merece):

O corvo que fez ninho, disfarçado  
Na minha alma de penas quase morta,  
Que me espreita, sinistro, em cada lado,  
É pousa nos umbrãs da minha porta,

É negro, muito negro, e corre fado  
Em doido crucitar por entre a horta.  
Parece a encarnação de algum pecado...  
A tua alma a bater à minha porta!...

Vem sempre dos teus lados. Foi bruxedo  
Que transformou, no corvo deste enredo,  
O lenço que, de longe, me reporta

Aquela tarde, em que acenou do cais,  
Como quem diz «adeus pra nunna mais»,  
Mas não larga os umbrãs da minha porta.

Faro

Hermínio Oliveira

Quase ao fechar este número do «Povo Algarvio» chega-nos a notícia de que a Assembleia Municipal de Tavira terá dado o seu acordo, ao menos de princípio, à ideia de apear o monumento a D. Marcelino Franco, erguido há anos no velho Largo da Alagoa, desta cidade. A ideia não é nova. Já há quase quatro anos, o nosso prezado colega «O Távira», ao ventilar nas suas colunas a ideia (que também não é nova, pois já tem mais de vinte ou trinta anos...) de se erguer um monumento à memória do ilustre tavrinses Dr. António Padinha, solicitava sugestões sobre a localização do mesmo monumento e punha concretamente esta questão: no caso do novo monumento dever ser colocado no Largo da Alagoa, para onde deve ser transferido o monumento a D. Marcelino Franco? Então o «Povo Algarvio» (n.º 2114, de 21-XII-74), respondeu com um texto a que ainda hoje não temos de retirar nem uma vírgula e que, por isso, a seguir reproduzimos:

Confessamos, sincera e lealmente, que somos contrários a toda e qualquer transferência de monumentos de um lugar para o outro, tenham eles sido bem ou mal localizados, e mais ainda contrários à sua destruição, visto que os monumentos, sejam eles de que natureza forem e comemorativos ou evocativos seja do que for, representam e caracterizam uma época, boa ou má não interessa, da vida local, regional ou nacional. Mas, a verdade é também que, na altura em que foi construído o monumento ao Bispo D. Marcelino Franco, igualmente um tavrinses ilustre, quem pela força das circunstâncias tem agora de escrever estas linhas discordou publicamente e mais de uma vez da localização que lhe foi dada; então, como presentemente, entendemos que o local mais apropriado para a colocação do monumento a D. Marcelino Franco é exactamente a antiga Corredoura, por todos os motivos e até porque essa é hoje e de há já não poucos anos uma Praça que tem o nome do grande tavrinses e bondoso e saudoso Bispo do Algarve. Nestas condições e acorrendo ao apelo do nosso prezado colega local para que lhe dêem opiniões e sugestões sobre o assunto, aqui deixamos desde já a nossa, que nos parece ser também a de pelo menos uma grande parte dos tavrinses: que o monumento a erguer ao Dr. António Padinha (e que o seja em breve, para o que daremos entusiasticamente toda a ajuda ao nosso alcance) vá para a antiga Corredoura, como aliás já também foi sugerido; mas, se for entendido por quem de direito que esse monumento deva antes ser colocado no Largo da Alagoa, que hoje tem o nome do Dr. António Padinha, então que o monumento a D. Marcelino Franco seja transferido para a praça que

tem o seu nome e é exactamente a antiga Corredoura.

Se não temos que cortar uma só vírgula a este texto de há quase quatro anos, temos no en-

tanto três palavras a acrescentar-lhe agora. A primeira é esta: a transferência do monumento a D. Marcelino para outro local,

(Continua na 3.ª página)

### Fazer Anos

Fazer anos apenas é viver  
Uns momentos de calmas emoções  
Fazer anos é sempre envelhecer  
Queimar a pouco e pouco as ilusões

É sentir as tristezas e alegrias  
Na ânsia de alcançar maior ventura  
É descer um degrau todos os dias  
No caminho que leva à sepultura

Na vida, só não esquece e nunca passa  
Do verdadeiro amor a eterna graça  
Que vai de geração em geração

Todos cumprem do mundo as suas leis  
Pobres, ricos, plebeus e até os reis  
São escravos do amor e da ilusão.

Virgínio Pires



## Recordando o Poeta tavrinses Emiliano da Costa



No último número do «Povo Algarvio» o Dr. José Neves, num pequeno texto, referiu-se a um poema de Emiliano em que este poeta traduz, através da memória de vivências da sua infância, o encanto da cidade de Tavira adormecida à beira do seu rio e como que, meditativa, a recordar a sua nobreza de outrora.

A leitura de essa «Barcarola», que o poeta legou à sua cidade, identifica-nos emocionalmente com o sonho errante que paira nas suas ruas silenciosas.

Mas o poeta que cantou Tavira através das «SAUDADES DO SILÊNCIO» não pode ficar esquecido nas bibliotecas de alguns amigos a quem ele oferecia os seus poemas. É preciso trazê-lo à luz da emoção das gerações de hoje e do futuro.

Continuando a divulgação iniciada no nosso número anterior, a redacção do «Povo Algarvio» resolveu transcrever um trecho do postfacio, da autoria do Dr. José Neves, que o poeta inseriu no seu livro «INTIMIDADE»:

«Emiliano não é apenas o poeta da luz e da cor deste país do Sul; é também — e esse é, para mim, o aspecto mais belo da sua obra — um poeta da saudade: a saudade da infância, que gerou um dos mais enternecedores cânticos poéticos de toda a nossa literatura lírica — as «Saudades do Silêncio», — e a saudade do amor longínquo perdido».

(Continua na 4.ª página)



# Saudades e apreensões

(Continuação da 4.ª página)

do presente e que tanto se despreza na actualidade!

Há a idolatria do presente e a atracção abissal para o futuro. Pretende-se ofuscar o passado com as obras que se vão executando. Nessas obras campeia o colossal, o deformado, o ridículo, o abstracto, o parvo, o torpemente erótico, com pretensões a hiperestesia só para iniciados. Só eles, os super-homens, os super-escultores, os super-pintores, os super-poetas é que sabem o que aquilo é. Só eles não! A coorte dos super-estetas, dos pensadores hiper-subtis, de ouvidos privilegiados, de olhos mais esteticamente facetados que um insecto, são capazes de pensar, ouvir, ver, perceber o que a burrice dos outros homens não pensa, não sabe escutar, não sabe ver nem perceber.

E, em face desses «nadas sonoros» ou luzidios ou monstruosos, que lhes conseguem encher os cérebros hipertrofiados, chegam a dizer (se é que isto se devia chamar «dizer») que as obras do passado para eles não são nada, que lhes travam uma «bull-dozer» e será seu infinito (e bestial!) prazer arrasar tudo.

Suprema expressão da alarvice! Se foi para chegar a isto que a humanidade escapou ao dilúvio, era melhor que Noé, em vez de fabricar a arca, tivesse apanhado outra bebedeira e se tivesse afogado com ela nas águas que cobriam a terra;

O que vale é que há uma «bull-dozer» que vai arrasando todos os arrasadores, mais eficazmente que

a foice da morte, pois esta ainda podia deixar rebentos...

Deixemos os novos criar. Estão no seu direito. Criem com novidade, mas não com estupidez!

Mas que não se desdenhe daquilo que representa a grandeza, a última palavra dum momento da vida do homem sobre a terra.

Se já não sabem construir senão arranha-céus mastodónticos, não atentem contra a beleza eterna do Parthenon. Se já não conseguem fazer senão «bonecos de estampar», como certo «D. Sebastião», respitem o Moisés de Miguel Angelo. Se são incapazes de ultrapassar riscos ou borrões na tela ou na madeira, roam-se de inveja ou de impotência perante os quadros de um Rubens ou do Tintoretto. Se os versos (?) que lhes saem da pena são baboseiras insulsas que ninguém percebe, mordam-se de ciúme pelos favores que as musas concederam a Camões.

Dêem-nos novidades dignas, nobres, elevadas, para que não tenhamos o direito de os considerar «castrados» da Arte, que só podem produzir aleijões.

Para estes é que são boas as «bull-dozers», senhores alérgicos ao passado!

Alvaro Pais

## Trova

Sem ter fé no S. João  
Cachopa, não faças lume,  
Porque assim não tem condão  
Só atijas o ciúme

V. P.

Ao afirmarmos que devemos ter compreensão para com os homens e intransigência para com os erros, poucos, certamente, se nos oporão. Mas já o mesmo não sucederá, se recomendarmos compreensão para determinados homens e intransigência para com determinados erros. Tal contradição resulta da nefasta tendência para se ver os erros encarnados nos homens.

## RECORDANDO

Como homenagem à memória duma pessoa que, mais de 40 anos, serviu a cidade, arduamente, dedicadamente e que, como compensação, levou incompreensões de muitos e a mais sincera admiração de muitíssimos.

Os muitos viram nele apenas um degrau para subir. Os muitíssimos manigestaram com exuberância de provas, a sua real consideração, enchendo, dia a dia, o tempo da secretária, com inúmeros jornais e revistas e ainda com a maior parte dos livros que saíam dos prelos, quer eles fossem de náveis poetas e escritores, quer assinados por nomes de académicos da maior nomeada.

A sua pena, através do jornal, foi o maior e mais completo meio de comunicação que a cidade jamais possuiu.

Fala-se, hoje em dia, e muito, de meios de comunicação.

A mim parece-me que os meios são o menos. Importante, considero a matéria daquilo que havemos de comunicar, com o fim de repartir com a comunidade a riqueza interior de cada um.

Originais de gramática esbofeteadá ou de redacção emaranhada, arrazoados inconcebíveis ou ofensivos, semana a semana acorriam àquela «hospital de letras» que se poderia chamar o escritório do «Povo Algarvio».

Muito havia a sacrificar, adiar, esquecer e o Senhor Virgínio Pires lamentava e ponderava: — O que precisamos é evitar melindres — sem se recordar que os melindres estão mais na natureza dos que os sofrem do que nos motivos ocorridos.

Quando leio jornais e vejo as faltas de atenção atiradas a pessoas respeitáveis, recordo logo a sua frase: precisamos evitar melindres.

Já ninguém se melindra... tudo perdeu a delicadeza, a estima, o desejo de tornar os outros felizes...

E assim, que necessidade haverá de comunicar o que não tem valor?

Pois este bom pensamento que o Senhor Virgínio Pires me deixou e que me parece base de comunicação com os que nos cercam, de longe ou de perto, aqui o deixo para lição e proveito dos que se servem de meios de comunicação, sem atentar no que comunicam e como recordação dum grande tavirense.

G. M.

# Tavira... e o Poeta!

Por Liberto Conceição

Relendo recentemente velhos papéis já amarelecidos pelo tempo, fui encontrar uma fotomontagem de «TAVIRA» que executei e foi distribuída aos participantes duma excursão que a Casa do Algarve fez à nossa cidade em Março de 1956.

Dessa foto-montagem constava igualmente um Soneto que o meu velho e querido-amigo Manuel Virgínio Pires fez prepositadamente para aquele fim!

Dizia o «POETA»... da Sua «TAVIRA»:

6 *Portas de reixa, cheiro a marezia,  
As chaminés mouriscas rendilhadas...  
Embala-se na doce poesia,  
Dessas lendas de moiras encantadas...*

*Assomam as piteiras nos valados  
E o Castelo vigia-a, lés a lés,  
A serra silenciosa ouve-lhe os brados,  
E o manso Rio Gilão beija-lhe os pés!...*

*As torres das Igrejas, altaneiras,  
Branquinhas como flôres de amendoeiras,  
São braços que se erguem para os céus;*

*Maravilhoso aspecto que realça  
Uma prece de amor da velha balsa  
A infinita graça e paz de Deus.*

Lembro nesta altura o entusiasmo do poeta quando me perguntava: — «Gostas, Liberto? Achas que pinte com realismo as cores alegres da nossa Cidade? É tão fácil falar dela! Ela é tão bonita!...»

Sim, velho Amigo que a morte cedo nos roubou: Ela é tão bonita! E como nós a sentimos mais ainda quando é cantada por poetas da estirpe do Manuel Pires!

Foi talvez embalado e entusiasmado pela mensagem deste Soneto que eu, a partir daquela data, procurei fotografar portas de reixa... chaminés rendilhadas... piteiras nos valados... o Castelo silencioso... e o Rio Gilão a beijar-lhe os pés... as torres das Igrejas... e o branco imaculado das amendoeiras em flor!...

Será talvez pelo que me sugeriu o «retrato» de Tavira feito pelo «Poeta» que o fotógrafo amador que sempre fui, irá em breve revelar às novas gerações numa «MOSTRA» a realizar na cidade do Gilão, os encantos mil da nossa terra!

Sei que o Manuel Pires sempre acalentou a esperança de publicar um Livro sobre Tavira. Sei que ele dactilografado ficou esquecido numa gaveta da sua secretária de trabalho. Que os seus familiares e os seus amigos mais íntimos não deixem morrer esse desejo. Seria a última homenagem àquele que tanto amou a terra que lhe foi berço!

Lisboa, 7. Junho. 978

Liberto Conceição

## No 80.º Aniversário do poeta Emiliana da Costa

Em 3/12/1964

### Soneto

Abalei de Tavira, estrada fora,  
Quiz ser daquela gente o mensageiro,  
Vim a terras de Estoi como romeiro  
Abraçar um Poeta que aqui mora.

Que faz oitenta anos nesta hora  
E cuja inspiração não tem parceiro,  
Musa bela, centelha que é luzeiro,  
E tem sempre o encanto duma aurora.

Eu vim da nossa terra, vim de além,  
Onde há oitenta anos uma mãe  
Aconchegava ao peito o fruto humano,

E nessa hora, no céu da poesia,  
Uma estrela brilhante refulgia,  
Eras tu, Oh «Poeta Emiliano»

VIRGÍNIO PIRES

## HOTEL DAS CARAVELAS

SOCIEDADE TURÍSTICA DO SUL

Rua Diogo Cão — MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

ÓPTIMAS COMODIDADES  
PITORESCO HORIZONTE VISUAL

Telefones 458 a 460 e 558 a 560

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Artigos para caça e pesca  
e outros desportos

DESPORTIVA

— DE —

José Henriques Viegas

TELEF. 522

Rua Ministro Duarte Pacheco, 34

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO ALGARVE



# Arquivo Distrital de Faro

## - Informação Breve -

1. — Faro é uma das capitais de distrito no continente português contempladas pelo decreto-lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, com a criação de arquivo distrital. As outras capitais distritais são Aveiro, Beja, Castelo Branco, Guarda, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real.

A partir da publicação do diploma legal referido, tornou-se urgente a construção em Faro dum edifício adequado, devidamente dotado e equipado, onde possam arrumar-se, sistematizados e catalogados, os inúmeros documentos e espécies bibliográficas do distrito, que constituem fonte inestimável de cultura e história da região.

Por outro lado, muitos documentos e livros oficiais que dos cartórios e repartições públicas foram afluindo ao Governo do distrito e depois à antiga Junta Distrital, hoje Assembleia Distrital, devido ao seu improvisado depósito, ao seu desordenado arrumo, sem as mínimas condições atmosféricas, térmicas e higrométricas, correm sério risco de perecimento. Não está a nossa riqueza documental coberta contra o risco de incêndio, nem equipada de mecanismos de desinfecção e expurgo, nem foram adoptadas condições preventivas em termos de serem evitados sinistros, nem os meios de os combater.

E não se minimize o perigo, pois inúmeros documentos públicos, oficiais, autênticos existentes em Faro são pluriseculares, alguns de 400 anos, tantos quantos Faro conta como capital da província do Algarve. Eu preferia chamar-lhe região do Algarve.

Acresce que o desarrumo, a ausência de sistematização em que os documentos se encontram, tornam a consulta extremamente difícil e morosa, muitas vezes materialmente impossível, que onera o estudioso e compromete o êxito das investigações e dos estudos. Isto numa região onde os estudos superiores vão iniciar-se.

2. — Sentindo esta situação dramática, procurámos sensibilizar poderes públicos conetados directamente com o sector cultural. Com vista à elaboração dum projecto de construção dum complexo urbanístico, num velho imóvel propriedade plena da Assembleia Distrital, situado à entrada do largo de S. Francisco, em Faro, que englobe o Arquivo, a Biblioteca Distrital, ultimamente enriquecida com a aquisição de novas obras literárias, científicas e artísticas, e um Centro de Cultura, convidámos o Director-Geral do Património Cultural, o poeta João José Cochofel, do «Novo Cancioneiro», de Coimbra, e o Dr. Adriano Gusmão, Inspector Superior daquele departamento, a visitar o local, aí lhes apresentando o plano de edificação. Houve da parte do Director-Geral e do Inspector Superior total apoio, manifestado com entusiasmo e alegria.

3. — No plano de actividades da Assembleia Distrital para 1978, elaborado como manda a Lei, ins-

crevemos esta obra. Submetido o plano à Assembleia, foi aprovado por unanimidade (a Assembleia Distrital de Faro conta 49 membros, incluindo o Governador Civil, seu presidente).

Mais: propusemos à Assembleia que aprovasse a consignação do saldo geral de contas de 1977, no montante de 11.000 contos, à construção do complexo urbano Arquivo — Biblioteca — Centro de Cultura.

A Assembleia Distrital deliberou por unanimidade aprovar a proposta afectação financeira.

Imediatamente a seguir, e como executivo único do órgão deliberativo do distrito, encarregámos um técnico, um arquitecto, de elaborar um estudo preliminar, deslocando-me com ele a Beja, onde o Arquivo Distrital respectivo já foi construído, em viagem de estudo.

Foi apresentado já o programa da obra, orçada em 25.000 contos.

Resta outorgar, o que se efectuará em breve, o contrato de adjudicação do projecto arquitectónico, que incluirá o projecto geral, de instalações e equipamentos eléctricos, estudos de instalações e equipamentos mecânicos, expurgo, de climatização e ventilação, de prevenção e combate a incêndios, de equipamento de mobiliário adequado.

Esperanças estamos em que o Ministério da Habitação e Obras Públicas, já solicitado para efeito, e a Secretaria de Estado da Cultura nos dêem o apoio de que carecemos para levar a bom termo um empreendimento, que será o Tombo do Algarve e a sua Casa de Cultura.

4. — Vamos arrancar com a obra.

É óbvio que o saldo da conta de gerência de 1977 da antiga Junta Distrital, transitado para a Assembleia, não poderá ter outra aplicação que não seja a construção do Arquivo, Biblioteca e Centro de Cultura do Distrito. Podemos mesmo começar a obra com a «prata da casa», isto é, com o dinheiro que é nosso, do Distrito, da sua Assembleia.

Aquele saldo de 11.000 contos não é passível de outra afectação. Está consignado a fim específico proposto pelo presidente da Assembleia Distrital e aprovado, por unanimidade, pela Assembleia.

Contudo, já se pretendeu canalizar parte do saldo de contas de 1977 para dois fins diferentes. A primeira tentativa, ensaiada pelo departamento de turismo, consistia em obter o financiamento da compra de um velho imóvel, para reconversão e instalação dos respectivos serviços. Evidentemente, o gestor da Junta, o Governador Civil, opôs-se. O processo encerrou-se, compreendendo aquele departamento o acerto da oposição, manifestamente procedente. De resto, não se vislumbra a que luz uma autarquia pudesse financiar um departamento dependente do poder central...

A outra tentativa, mais recente, consistiu em tentar-se, pelas forças

do mencionado saldo, o financiamento para importação duma escada «Magirus» para as corporações de bombeiros.

Claro está que é lamentável que as corporações de bombeiros do Algarve não estejam equipadas, não de uma, mas de três escadas «Magirus». A circunstância já provocou múltiplas diligências do Governador Civil e do Presidente da Câmara de Loulé, junto de diferentes entidades públicas, com especial vocação legal para apoiar as corporações de bombeiros. Espera-se que, tal como fôra prometido, as diligências venham a ter êxito.

De qualquer forma, a verba consignada é que não pode ser desviada para fim diverso da consignação. Seria ilegal e censurável. Por outro lado, também não seria legalmente correcto que a Assembleia Distrital, órgão duma autarquia, financiasse, por doação ou empréstimo, acto liberal ou oneroso, um serviço público, cuja manutenção compete a outro órgão, de outra autarquia, e ao Estado. Há que extremar as fronteiras das competências dos órgãos de poder, proibindo as ingerências. Só assim se constituirá o Estado democrático de Direito.

Concluindo: agora que estamos autorizados pela Assembleia Distrital, vamos, como seu executivo, iniciar, com o nosso dinheiro, o Arquivo, a Biblioteca e o Centro de Cultura Distritais.

a) Júlio Filipe de Almeida Carrapato

## D. Marcelino Franco

(Continuação da 1.ª página)

mesmo que seja a velha Corredoura, é empresa neste momento sem dúvida despendiosíssima e cujo custo excederá o próprio custo do monumento; e a Câmara Municipal de Tavira decerto não está agora tão rica que possa arcar com tal despesa, pelo menos sem prejuízo de outras realizações bem mais urgentes e mais úteis para a população da cidade. A segunda: fugir à despesa, por inoportuno, e fazer a mudança «de qualquer maneira», sem as indispensáveis e dispendiosas precauções, é condenar o monumento à destruição parcial ou mesmo total; e isso ninguém tem o direito de o fazer, invoque o que invocar, não só porque contraria a opinião e o desejo da grande maioria dos tavienses, mas porque o monumento foi construído pela vontade e com dinheiro principalmente de não tavienses (dos católicos e até de não católicos de todo o Algarve), é por isso património algarvio e a maioria dos algarvios não o querem ver destruído. Finalmente, a terceira: a alegação, que já vimos escrita, de que o monumento do Dr. Padinha tem de ir forçosamente para o antigo Largo da Alagoa porque este tem hoje o seu nome, não tem consistência e parece mera desculpa para quaisquer outras intenções; pois não basta mudar o nome de D. Marcelino Franco para o antigo Largo da Alagoa e o Dr. Padinha para a velha Corredoura, colocando nesta o «problema» ficar resolvido?!

Esperamos que, na resolução deste «caso», já a levantar protestos por todo o Algarve, impeça ao menos o bom senso. Porque já é tempo do bom senso se sobrepôr entre nós a todas as «paixões», sejam elas quais forem.

P. N.

## Coisas de Arte

### Problemas da arquitectura

### e da arborização algarvia

pele Dr. J. Fernandes Mascarenhas

#### A MEMÓRIA DE VIRGÍLIO PIRES

O Algarve continua a perder as suas características arquitectónicas, que tanta beleza imprimiam à sua paisagem.

Já o afirmámos na imprensa mas nunca é demais repeti-lo, se bem que hoje nos queremos também referir a outros aspectos ainda por nós não focados.

Tornou-se moda pintar as casas externamente das cores mais variadas ou então revestir as frontarias das mesmas de azulejos que, na sua maior parte, nem são de inspiração nacional.

Tal prática altera totalmente aquele aspecto que as casas algarvias tinham, brancas, duma alvura imaculada.

Hoje é o verde, o vermelho, o castanho e sabemos lá que cores mais, a desfigurarem completamente os prédios.

A par disso, se uns respeitam as características arquitectónicas tradicionais, tais como aquelas interessantes beira-telhas duplas ou simples, tão em voga no Algarve nos séculos XV, XVI e XVII, outros destroem as existentes ainda, ou quando edificam novos prédios esquecem todas essas características que, afinal, paralelamente às chaminés rendilhadas, tanto embelezam os prédios, dando ao ambiente um cunho típico.

Tais práticas constituem um crime de lesa arte, quando se podia alterar internamente todo o edifício de acordo com os requisitos habitacionais mais modernos, deixando externamente o aspecto primitivo tão apreciado por tantos que visitam a nossa Província.

Está a lembrar-nos um artigo, da autoria de Adelino Alves, publicado no jornal «O Dia», de 30 de Março último, sobre uma visita que realizou à Palestina, por altura da Semana Santa, em que ele, referindo-se a Jerusalém e seus arredores, diz que «obrigatoriamente as construções são feitas de pedra das montanhas da Judeia», uma pedra alourada.

Tudo isto para quê? Para a Cidade Santa não perder o seu cunho tradicional, que vem já do tempo quando Jesus pregava na terra a Sua doutrina de paz e amor.

Jerusalém e toda a Palestina são imensamente visitadas durante o ano e, com tal orientação, os edifícios até os mais modestos se valorizam, lembrando os tempos bíblicos em que se verificaram a Paixão e a Ressurreição de Cristo.

Na Holanda e em todos os países nórdicos e até na própria vizinha Espanha, segundo fomos informados, o mesmo se passa, pelo menos em algumas cidades e povoações. E porque não no Algarve?

Desde que houvesse qualquer departamento oficial encarregado de controlar esse serviço tudo se modificaria, não só em benefício do Algarve como do País.

No respeitante à arborização, outro problema tão importante, também é preciso haver o devido cuidado. As árvores além de constituírem uma grande riqueza, e o nosso País é essencialmente florestal, embelezam. Fazer destruir árvores muitas vezes seculares, por me capricho ou por antipatia para com elas, é um absurdo. O árabes, esses sim, detestavam as árvores, razão porque os israelitas que, nos tempos bíblicos tinham belas árvo-

res e bosques, quando de novo se instalaram na Palestina, só tinham desertos embora por baixo das areias existisse excelente terra húmida, na qual outrora se cultivava a vinha (eram típicas as torres que existiam no meio delas para as guardar dos ladrões), as figueiras de saborosos figos, as oliveiras e toda uma série de árvores de fruto de que a Bíblia nos fala.

Deitar árvores a baixo num país como nosso cheio de sol e quente, sobretudo no sul, é uma medida nada louvável. Lá por que nos países do norte da Europa existem muitos relvados, onde o sol quando aparece é motivo de festa, não se infere daí que se adopte o mesmo sistema em terras do Algarve, onde os raios solares são mais intensos.

Não nos podemos esquecer que existem verdadeiros «arboricidas» por toda a parte, com uma psicologia idêntica à dos árabes que viam nas árvores um perigo latente onde se podiam esconder inimigos, sendo para eles o melhor sistema fazê-las desaparecer. E o Algarve no tempo dos romanos era uma verdadeiro bosque.

Ainda quanto aos relvados, por vezes os técnicos vão ao estrangeiro em missões de estudo e aplicam no nosso País o que lá veem sem qualquer adaptação, como aliás muitas vezes se tem feito com substituições políticas e certas leis sem qualquer adaptação inteligente. A tal defeito várias vezes ouvimos referir, até em exposições nas cátedras universitárias, por mestres de elevada craveira intelectual que já não existem no mundo dos vivos. E com muita razão, havemos de concordar, pois o que é bom num lado nem sempre é bom noutra. É mal de que enfermamos desde séculos; é a teoria do «macaco imitador» e de preguiça de pessoas que não estudam seriamente os problemas.

E não nos devemos esquecer que a manutenção dos relvados sai cara. Já o afirmou há anos um ilustre paisagista francês, grande sumidade na matéria, que visitou Lisboa e viu os seus relvados.

O que se deve, quanto a nós, é estimular o gosto pela plantação da árvore, logo desde a escola primária, como se fazia nos nossos tempos de infância e hoje felizmente também. Pode ser que insistindo se consiga uma transformação dos maus hábitos que vêm de longe.

Está-nos a lembrar que quando nos encontrávamos em Moçambique, no Vale do Limpopo, houve num dos anos um enorme temporal, com chuvas torrenciais e fortes rajadas de vento, encontrando-se em risco de desaparecer uma árvore que tínhamos no jardim da casa que o Estado nos tinha distribuído. Embora com esse péssimo tempo não descurámos o assunto, indo pessoalmente especá-la por forma que não se perdesse e quando partimos para Portugal ainda lá se encontrava erecta como que a saudar-nos.

Deve dizer-se que a árvore nessa região é preciosa, pela sombra que dá, amenizando o calor, sobretudo nos meses das chuvas que são no verão.

Olhem, pois, para estes problemas com inteligência, interesse e decisão e teremos prestado um bom serviço ao Algarve e ao País!

J. Fernandes Mascarenhas

## HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE - A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321 - 322 - 323 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



## Interrogação com resposta fácil

Quando fui estudantezinho do liceu — (é verdade ainda que não pareça — já tive treze anos, e também andei de gatinhas, como toda a gente) — estudava-se na disciplina de português por uma selecta de um tal Casanova, se bem me recordo, onde se incluía uma espécie de romance popular que começava assim: «Houve tempo em que a moirama pisou terreno cristão...»

Ora, caríssimo leitor e amigo, mutatis mutandis, como diziam os latinos, quando queriam exprimir que, mudadas as coisas que devem ser, ou não-de ser mudadas, porque os tempos são outros e outras as circunstâncias, também houve um tempo, ou uns tempos, em que, por estas terrazinhas do Algarve, de maior relevo ou menor importância, como Faro, Tavira, Olhão, Lagos, Portimão, Loulé, etc., se realizavam, de tempos a tempos, e, por vezes, com regular continuidade, por iniciativa de associações e colectividade recreativas e culturais, umas tantas actividades que suscitavam sempre considerável interesse de largas dezenas de pessoas. Os sócios não faltavam e os convidados também não, desde as autoridades a pessoas de consideração, por posição social ou intelectual.

Lembro-me de que, aqui em Faro, graças, por exemplo, ao Círculo Cultural do Algarve, agora morto e insepulto, foi possível ouvirmos, de viva voz, vultos da estatura de um Hernâni Cidade, um Delfim Santos, um Vieira de Almeida, uma Francine Benoit, uma Irene Lisboa, Manuela Porto, Ferreira de Almeida, Fernandes Lopes, José Formosinho, Carlos Selvagem...

Alguns destes e mais os que, cá em Faro, fomos mantendo este fogo sagrado daquilo que, talvez com razão, chamávamos cultura, estendíamos, muitas vezes, sempre que possível, a Tavira, a Olhão, a Portimão, a Loulé, a Vila Real, os pequenos ou grandes produtos do nosso esforço de divulgação. E foi assim, no Boa Esperança de Portimão, na Biblioteca e na Câmara e sociedades e associações de Tavira, e no Glória e cine-clubes de Vila Real. Por aqui por acolá, fomos repetir, ou dar em primeira mão, palestras e conferências. As vezes era uma exposição, um concerto; outras até teatro de estudantes. Quero dizer que havia uma certa animação cultural espontânea, ou de iniciativa própria. E até recordo o despique que durante um ano se verificou, em Faro, entre o Círculo Cultural e o Ginásio Clube. Andámos a ver qual era mais animoso. E também me lembro que colaborei nos dois lados.

Eram coisas que nos davam trabalho, arrelias, e compensações, como esta, por exemplo,

de estar a recordar o então feito. Por outro lado, vamos lá, parece que esta actividade interessava as pessoas, pois não creio que comparecessem só por mera cortesia ou puro snobismo. Recebiam-nos bem, em todo o lado. As salas enchiam-se de gente, com seu agente secreto à mistura, muito embora fosse para tudo necessária prévia autorização superior.

Entretanto, muitas coisas aconteceram no mundo. E na nossa terra também. Entre essas muitas, que insisto em considerar boas, aconteceu, porém, lamentavelmente um quase desaparecimento de actividades culturais espontâneas. As que temos tido, nestes últimos tempos, para não dizer anos, são promovidas por organismos ou entidades oficiais. Escassas na capital da província, nulas praticamente, nas outras localidades.

Tudo isto vem a propósito dos jogos florais de primavera, levados a efeito pela Sociedade Orfeónica de Tavira. A ida até aí fez-me recordar as muitas coisas que lá fiz e ajudei a fazer, neste campo das letras e da cultura. Lembro-me das iniciativas desta mesma Sociedade Orfeónica, dos seus saraus que não se limitavam à cidade. Nos tempos do dr. Carlos Picoito, do maestro Herculano Rocha, e de Sebastião Leiria, essas manifestações saíam de Tavira para a província. Uma que outra vez até o Alentejo e até mesmo a Lisboa.

Recordo os jogos florais da passagem do ano. Recordo-me de lá ir com estudantes do liceu em jogos de teatro escolar. Recordo palestras na biblioteca, na Câmara e em outras sociedades. Será que tudo ficará apenas como recordação para futura história? Ou estes jogos florais de agora irão tentar reatar uma tradição, meio esquecida? E dar sequência aos da sua própria iniciativa? Ou fazer renascer os que, com carácter, mais ou menos oficial, eram promovidos pelo sector turístico do município e de que o malogrado Manuel Virgínio Pires era, por assim dizer, a alma e o motor?

Uma pergunta ou interrogação só para terminar. A Tavira e a quem lá vive:

Será que vai renascer um novo entusiasmo por estas coisas desinteressadas da poesia, da música coral, e não só, do teatro, do debate de ideias, de todas estas coisas e coisas de história, de arte, de filosofia?

Será que os tavirenses não vão sentir, como escreve Teixeira de Pascoaes, saudades do futuro, quando se recordem ou lhes recordem estas e outras muitas que fizeram e a que assistiram e apoiaram no passado?

Maio de 1978  
JOAQUIM MAGALHÃES

## Acto de Justiça

(Continuação da 1.ª página)

correm; o que é de lastimar, porque nem a verdade, nem a justiça, nem a gratidão devem estar sujeitos ou dependentes de complexos, sejam eles quais forem, como não podem nem devem estar sujeitos a paixões de qualquer espécie.

Recordando Manuel Virgínio Pires quando tantos, com menos razão do que nós, o esquecem ou fingem ignorá-lo, não nos limitamos a dar mais uma prova da amizade que sempre nos uniu: praticamos um acto de justiça para com a sua memória. E até, de algum modo, desafrontamos a honra da cidade, sem dúvida afrontada pelo esquecimento de um dos seus filhos que muito lhe quis e bem a serviu.

H. P.

## Concerto no Conservatório

Com uma assistência que tornou mais uma vez pequeno o lindo Teatro Lethes, realizou-se o concerto anual do nosso Conservatório.

Não podemos deixar de manifestar o nosso pesar por haver rapazes que infelizmente para eles e para nós que somos vítimas e não focar o desagrado que nos causa o seu comportamento. O que pretendem eles atingir? Não podemos pensar que só o facto de não terem nem educação artística nem cívica os leva a fazer o que fazem, pois que não tendo a primeira, nada os levaria a ver uma coisa que não podem ainda gostar, para com a falta da segunda proceder como procedem.

A falta de respeito pelo trabalho dos outros não pode ser tolerado, tem de haver solução para o caso, e estamos certos que as pessoas que com tanto carinho trabalho e quase diríamos devoção àquela tão bela obra acharão a forma de acabar com aquela maneira de proceder. O espectáculo que vimos, foi uma demonstração formidável do que pode o ser humano quando se mete a fazer uma obra com amor. O trabalho dos alunos a sua dedicação ao estudo, ajudados pelo carinho dos professores e demais funcionários, são marcos que não mais desaparecerão da história da cidade de Faro e até da nossa Província. Nos tempos que vão correndo quando só se fazem reivindicações de toda a espécie, ali naquela escola e de certo porque é uma escola onde a parte espiritual é a que mais é cultivada, assiste-se a uma conjugação de esforços morais que são bem o reflexo do que é a humanidade quando está em jogo à sua fonte mais sublime. E agora que já desabafamos e demos uma pequenina ideia da maneira como uma ou duas dúzias de rapazes se comportaram, vamos para o bom, o belo que tivemos a grande satisfação de ver e ouvir. Começaremos por dizer que é com a maior satisfação que vimos pessoas das mais variadas regiões da Província o que demonstra bem quanto o Conservatório a vai já influenciando e quanta é a confiança que as pessoas põem nas manifestações que leva a efeito.

De Tavira, Loulé, Albufeira, Lagoa, Olhão e claro de Faro havia gente que se não fora o desassossego de meninos de 18 e mais anos, teriam passado uma noite cheia de alegria e momentos de grande prazer artístico.

Desde o número de flauta e de guitarra, passando pelo piano, canto, coro, ballet, ginástica e danças folclóricas regionais, de tudo isto houve uma sucessão continua de grande beleza e demonstração do quanto de bom já na nossa escola de música. Tivemos o grato prazer de ouvir mais uma vez o cantor Guilherme Nunes que sendo professor da Escola Preparatória de Lagoa se prontificou a colaborar com o nosso Conservatório e que com a sua arte nos deliciou nos deliciosos nos vários números que interpretou de maneira superior o que levou o público a pedir-lhe um bis que gentilmente deu.

Todos contribuíram de forma a merecerem os aplausos que o numeroso público lhes tributou e repetimos, só foi pena que alguns jovens que não podem apreciar o esforço que representa a apresentação em público, talvez até por frustração, tenham estragado um espectáculo que seria sem isso uma esplendida noite de arte.

Pedro Ruivo

## Saudades e apreensões

Vão já bem longe aqueles anos, em que, todos os quinze dias, lá ia uma carta minha para o Amigo Virgínio Pires, levando-lhe, com duas larachas amigas, a pequena parcela do trabalho que andava a publicar no «nosso» (assim me era permitido chamar-lhe) «Povo Algarvio».

Passaram-se deste modo muitos meses, ao fim dos quais, surgiu uma «separata» sobre a freguesia da Conceição de Tavira.

E era para mim obrigatória, sempre que ia a Tavira, a visita ao dinâmico homem que vivia o seu jornal, mas se interessava por tudo. As nossas longas conversas, ou na redacção ou no «Arcada», ele a contar-me as novidades e eu a desencantar-lhe antiguidades...

Durante algum tempo, um dos temas era também: «veja-me lá aquele moço!...». E eu via. Videbam! e ambos víamos, videbamus, as empinadas ladeiras do latim! E desde então se cimentou uma amizade que andanças da vida nem destruíram nem minimizaram.

Andanças da vida que me levaram no seu remoinho, me afastaram algum tempo das ideias dominantes daquela altura — a Arte Sacra do Algarve e sua história. E houve em Tavira um grande acontecimento nesse campo. Foi a

Exposição que o Padre Patrício realizou, a que dei o meu humilde concurso e onde me foi dado «beber» à larga. Que riqueza ela nos mostrou!

Depois a «vida» puxou-me para outro lado: comuniquéi vida física, ateei vida intelectual em muitas centenas de pessoas, exerci a minha missão de «estudar e ensinar a estudar».

Até que voltei de novo à Arte e à Arqueologia, agora não por amorismo mas em missão oficial. Ruínas, pedras, mosaicos, estátuas e bustos, quadros e gravuras, livros velhos e novos — tal tem sido o habitat desta minha fase vital — a última e já fatalmente breve — em que uma coisa não está certa. É o flagrante contraste entre a minha manifesta decadência física e este ardor de juventude que me crepita na alma, que me dá para pensar, desejar, planejar, lutar e não largar aquilo a que uma vez deito a mão.

Quantas vezes me lembro daquele. «Ah! si jeunesse savait; oh! si vieilles-se pouvait!».

E é que esta minha segunda juventude tem uma qualidade de que a primeira não é capaz: tem passado e tem respeito pelo passado. Esse passado que é a raiz

(Continua na 2.ª página)

## Recordando o Poeta tavirense Emiliano da Costa

(Continuação da 1.ª página)

«As composições saudosistas do poeta, pelo que há nelas de profundamente expressivo, constituem um refúgio acariciador para aqueles sobre cujo espírito começou a descer a sombra da asa errante da saudade».

«Todas as formas da Arte conduzem o espírito humano a uma comunhão com a essência do Ser, com algo que transcende a própria Natureza. Por isso, a Arte representa uma fuga perante as contradições do mundo da experiência sensível. A Arte é, nestes termos, uma verdadeira transnatureza. Há poesias saudosistas de Emiliano cuja leitura deixa em nós a vibração emocional que se sentiria ao contemplar, esteticamente, uma flor a abrir, ao luar, na aridez de um deserto. Tais são, por exemplo, os sonetos «Saudade» e «Madona» do HELIANTHOS».

«O mesmo saudosismo amoroso vibra nestes versos do RELAMPOS»:

... Mas, se tudo perdi, sem mais te ver,  
Amor! pois que me importa a mim viver;  
Sem o amor, que me importa a mim de mim...

«Às vezes, porém, o luar melancólico da saudade sobe à superfície da alma do poeta, sob a agitação do eco de um vendaval, que se foi repercutindo através da vida, vindo lá dos longes da juventude:

«Passou aqui, nos campos e nas ruas  
.....  
Partiu as árvores, espedaçou  
As telhas do meu lar, rugiu, uivou  
As portas, foi soluço e foi regougo;  
Num choro, foi ao longe e voltou logo.

Assim: tal o simum, tal o siroco,  
Tal o vento-levante, tal o amor  
Num coração arrebatado e louco,

— O vento da desgraça... Foi assim  
Que ele passou, matando... Mas pior,  
Muito pior, quando passou, por mim.

«A imagem é sublime e das mais belas que esmaltam a história do lirismo português».

«Uma luz crepuscular envolve o ambiente poético desta presente obra, que Emiliano intitulou INTIMIDADE e que abre por uma invocação ao espírito da Poesia — parece que se ergue, em melopeia suave, no mundo de luz vaga da tarde da existência que envolve os novos poemas».

«Mas neste ambiente poético, que não é iluminado pela luz meridiana e mediterrânica que vibra noutras obras do artista — o estro de Emiliano fez erguerem-se da sombra, que avança imperiosa, novas imagens de delicada beleza; nesse rio de luz vespertina, vão boiando as despedidas-de-verão e os malmequeres-bem-me-queres; e, a cantar a pureza da sua brancura e a elegância das suas linhas, perpassa, «vogando», o «cisne da Música», o alma do poeta...».